

AUTISMO: DESAFIOS A SEREM ALCANÇADOS PARA UMA INCLUSÃO EFICAZ

AUTISM: CHALLENGES TO BE ACHIEVED FOR EFFECTIVE INCLUSION

Carlúcia G. dos Santos Silva¹
Igor Junqueira Cabral²

RESUMO: O objetivo desse artigo é mostrar a importância do conhecimento do que é, de fato, o autismo, a importância da avaliação e do diagnóstico precoce para a identificação do TEA. Apresentamos fatores que são necessários para que se aja a inclusão verdadeira e eficaz dentro do âmbito escolar. Apontamos que há desafios e barreiras que pais, educadores e todos que vivem com pessoas com deficiência, como o autismo, enfrentam, mas também expomos ferramentas que poderão ser utilizadas como auxílio na quebra e solução destes obstáculos. Consequentemente, ao transpor estes infortúnios, a escola irá proporcionar à criança autista o conhecimento, a formação, o crescimento escolar e a vivência como cidadão na sociedade. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica através de leituras em revistas, livros, sites, como também entrevista com pessoas que tem contato com pessoas com deficiência como o autismo. Através dos estudos realizados, notamos que o autismo é identificado na criança entre um ano e meio aos três anos de idade, ou seja, é identificado ainda na infância na sua grande totalidade. Atualmente o autismo não tem diagnóstico quanto o que causa esta deficiência nas pessoas, sabemos que ele é um transtorno que compromete a socialização, comunicação, coordenação motora, da pessoa que tenha necessidades especiais, diante desta problemática o autismo ocasiona atraso no desenvolvimento infantil. Contudo, se o diagnóstico for realizado precocemente, se a criança autista for acompanhada por profissionais capacitados para atender esta demanda, os indivíduos com necessidades especiais como o autismo, terá progresso em todo seu desenvolvimento, sendo ele, educacional, social, pessoal e sentimental. Verifica-se, que a inclusão destas crianças, pode acontecer de maneira significativa, quando todos os docentes sejam capacitados para recebê-los, como também, se todas as peculiaridades exigidas e necessárias para a criança ser inserida na escola seja respaldada pelo currículo escolar.

Palavras-chave: Autismo. Escola. Inclusão.

ABSTRACT: The purpose of this article is to show the importance of knowing what autism really is, the importance of assessment and early diagnosis for the identification of ASD. We present the factors necessary for real and effective inclusion to take place in the school environment. We show that there are challenges and barriers faced by parents, educators and everyone who lives with people with autism, but we also expose tools that can be used to help break down and resolve these obstacles. Consequently, by overcoming these misfortunes, the

¹ Graduada em Pedagogia, pela Universidade Pitágoras-UNOPAR, Itapuranga-Go. Especialista em Neuropedagogia e Psicanálise. E-mail: carluciatst@hotmail.com

² Licenciado em História, pela Universidade Estadual de Goiás, Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Tecnologia e Educação de Goiás, graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Brasília de Goiás. igorcabral.brasil@gmail.com

school will provide autistic children with knowledge, education and growth, and experience as a citizen in society. It was used as a methodology the bibliographic research through readings in magazines, books, websites, as well as interviews with people who have had people with disabilities such as autism. Through the studies carried out, we note that autism is identified in children between one and a half to three years of age, that is, it is still identified in childhood in its entirety. Currently, autism has no diagnosis as to what causes this disability in people, we know that it is a disorder that compromises socialization, communication, motor coordination, of the person with special needs, in view of this problem, autism causes delay in child development. However, if the diagnosis is made early, if professionals trained to meet this demand accompany the autistic child, individuals with special needs such as autism will have progress in their entire development, whether educational, social, personal and sentimental. It appears that the inclusion of these children can happen significantly, when all teachers are trained to receive them, as well as if all the peculiarities required and necessary for the child to be included in school are supported by the school curriculum.

Keyword: Autism. School. Inclusion.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado a partir da constatação de que é alto o índice de alunos autistas, que estão adentrando no contexto escolar regular. Sabemos que a inclusão destes novos cidadãos, para o corpo docente, não é fácil, porém, necessária, pois, é direito de todos que as didáticas utilizadas, pelo educador, devam ser elaboradas através de atividades por etapas, que sejam realizadas e organizadas de maneira a alcançar a aprendizagem do aluno.

A sequência didática é um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa, organizadas de acordo com os objetivos que o professor e a política escolar desejam alcançar, diante da aprendizagem de seus alunos. É através de uma didática, lúdica, sucinta, verdadeira, que se utilize de múltiplas ferramentas, como por exemplo: jogos, brincadeiras individuais e coletivas, exercícios praticado com o próprio corpo do educando o conhecimento legítimo dos seus alunos e de suas necessidades, dentre outras, envolvendo-os e os tornando membros da sala de aula, obteremos assim, a interação total do aluno, como também a sua atenção.

Para que a inclusão aconteça de forma real na escola, precisa pensar também no educador. É notório que faz necessário a preparação do mesmo, para que ele saiba como atender e acolher seu aluno autista. Diante disto, observamos que o educador é a peça central para que a inclusão seja realizada de fato. As atividades propostas neste trabalho vêm para sanar os desafios encontrados pelos professores, dentro das salas de aula, assim como no meio

que eles vivem.

Entendemos que criar e educar é desafiador para os pais tanto quanto para os educadores e para as pessoas de seu convívio, mas toda esta instigação, pode ter resultado promissor e eficaz, quando a pessoa com deficiência do TEA, for abordado de maneira adequada, com paciência, determinação e amor.

Acredita-se, que, se o professor incentivar os educandos autistas a se expressarem, com certeza eles irão ter maior interesse nas aulas, e conseqüentemente, irão participar por completo das atividades propostas pelos educadores. Dispondo destas atitudes, constatamos, que mesmo com as dificuldades e desafios, cada dia é possível que um indivíduo autista se desenvolva, supere suas reservas e consiga ter uma vida de qualidade e com mais autonomia. Percebe-se então, que com estas atitudes, dentre outras, os desafios serão alcançados.

CONHECENDO O AUTISMO

Entende-se “autismo” como um transtorno global de desenvolvimento. Eles afetam principalmente o aspecto social, a comunicação e o comportamento. Aproximadamente de cada mil crianças, uma é autista, ou apresenta um distúrbio parecido com o autismo, como a Síndrome de Asperger. Investigações recentes apontam o aumento de casos de autismo pelo mundo, atualmente nos Estados Unidos, encontra-se um autista para cada cinquenta e quatro crianças de oito anos. A pesquisa foi realizada em onze estados. Estes números estatísticos foram publicados em 26 de março de 2020, pelo CDC (Centro de Controle de Doenças e Prevenção do governo dos Estados Unidos). Diante desta pesquisa, torna-se mais comum, encontrar uma criança autista em sala de aula, neste país.

Segundo Hoffmann (1996), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta mais meninos do que as meninas. O diagnóstico raramente é realizado antes dos 2 anos de idade, mas muitos sintomas de alerta costumam aparecer antes do primeiro ano de vida. O TEA por ser um transtorno complexo associa sintomas como características fora do domínio social e que podem estar relacionados a aspectos neurológicos que incluem os transtornos de linguagem, dificuldade na coordenação motora e atenção visual. Conforme a incidência, a qualidade dos episódios e a idade da criança, de uma forma ou de outra, as estereotipias comprometem o desenvolvimento motor, linguístico e as atividades físicas, sociais, emocionais, cognitivas e educativas (HOFFMANN, 1996. In. BRAGA,etal, 2019).

As crianças com TEA podem apresentar estereotípias motoras como balançar-se, bater palmas, andar em círculos ou na ponta dos pés. Rocking é o nome usado para definir o balancear do corpo, o balanceio das mãos, são movimentos denominados como flapping. Levin, (1997, p. 137), afirma que estas estereotípias estariam relacionadas a uma descarga de auto prazer (LEVIN, 1997. In. BARROS, et al, 2016).

Criar, e, educar uma criança autista é um desafio tanto para pais, educadores, familiares, ou qualquer pessoa a sua volta. Necessita de uma abordagem adequada e eficaz e de muita paciência e determinação. Esta adversidade acontece pelo fato das crianças que tenha autismo terem, na maioria das vezes, um comportamento agressivo, propensão ao isolamento, dificuldade para desenvolver atividades cotidianas, como a fala, alimentação e socialização, atraso nas brincadeiras próprias para sua idade e são crianças que não gostam de mudanças em seu meio. Pesquisas desenvolvidas por Moreira (2012) apontam que, o indivíduo acometido do autismo, apresenta vários outros transtornos médicos e de saúde mental, como depressão, epilepsia, hiperatividade, déficit de atenção, distúrbios gastrointestinais e do sono, ansiedade, fobia e convulsões dentre outros. A pesquisa mostra ainda, segundo a autora, que dentre as comorbidades psiquiátricas mais comuns, se encontram: a ansiedade, presente em cerca de 42% a 56% dos indivíduos com TEA; a depressão, em cerca de 12% a 75%; o transtorno obsessivo-compulsivo, em 7% a 24%; o Transtorno Opositor – Desafiador (TOD), surge em 16% a 28%; o Abuso de substâncias psicoativas, em menos de 16%; e os Transtornos alimentares, em 4%. Sendo que, além disso, cerca 45% dos indivíduos diagnosticados com TEA apresentam déficit no desenvolvimento intelectual. A mesma autora ainda expõe que aproximadamente 70% dos sujeitos com TEA apresentam também algum nível de perturbação mental, e que 40% deles pode ter duas ou mais comorbidades (Moreira, 2012. Apud. SILVA, Marcela. 26/06/2020).

Quanto mais cedo identificado, o TEA, mais cedo se inicia o tratamento e maiores são as chances do progresso no desenvolvimento. A Associação Brasileira de Pediatria (2019) assegura que a Intervenção precoce é um conjunto de modalidades terapêuticas que ajuda, as crianças com autismo, aprenderem de uma maneira específica aquilo que as outras aprendem naturalmente. Os trabalhos realizados tendem a envolver os sentidos, a autodescoberta e a consciência a respeito de si mesma, de seu corpo e de sua existência. Diferentes objetivos são alcançados no trabalho de intervenção com crianças autistas, tais como: a familiarização da criança consigo mesma, o desenvolvimento social, comunicação, proteger o funcionamento

intelectual, melhorar a qualidade de vida, reduzir danos e conduzi-los a autonomia. É muito importante o apoio da família nesse processo, pois a criança precisa se sentir acolhida.

Segundo Gadia (2006), os objetivos que norteiam os programas de intervenção geralmente seguem um denominador comum e pretendem trabalhar os déficits das crianças com TEA. Os métodos de intervenção e tratamento utilizados, em grande parte, são divididos em três grupos: os que são de análise aplicada pelo comportamento; os fundamentados nas teorias de ensinos estruturados e os fundamentados em teorias de desenvolvimentos. Os principais objetivos são diminuir a frequência e intensidade de comportamentos indesejáveis como por exemplo: agressividade, estereotípias e outros que possa dificultar o convívio social e aprendizagem. Para Vygotsky (1984), não podemos limitar-nos meramente à determinação de níveis de desenvolvimento, quando nosso objetivo é descobrir relações reais entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado (GADIA, 2006. Vygotsky, 1984. Apud ROTTA, et al, 2016).

No entanto ressaltamos que as crianças que apresentam o TEA, denotam desenvolvimento físico habitual, eles somente têm objeção em se relacionar socialmente e muitas das vezes apresentam hostilidade nas suas atividades afetivas, fazendo com que vivam em um mundo criado por eles.

A AVALIAÇÃO DO TEA

Howlin (2009), afirma que a avaliação do TEA se tornou uma área importante de investigação para muitos autores. Certamente quanto mais cedo uma criança puder ser identificada, mais rápida será a intervenção e a adequação do curso de seu desenvolvimento. Sabemos que múltiplos estudos apontam a intervenção precoce como fator essencial na melhora do quadro clínico do autismo, realizados ganhos significativos e duráveis no desenvolvimento da criança autista (HOWLIN, et al, 2009. Apud. ROTTA, et al, 2016).

Não é raro ouvir de pais que já passaram por um longo caminho em busca de respostas que suas inquietações são desnecessárias. Muitos referem ter suas preocupações descartadas por escutarem que não se pode comparar uma criança com outra ou, ainda, que cada criança tem seu tempo, dentre outras afirmações. Com esse discurso, o tempo vai passando, as famílias se desgastam, se confundem e, o que é mais preocupante, a criança com sinais de TEA vai crescendo sem ser bem compreendida e sem receber o atendimento de que necessita. O diagnóstico do TEA raramente é realizado antes dos 2 anos de idade e pouco se sabe sobre

os sintomas iniciais quanto ao desenvolvimento neurológico, comportamental e cognitivo dos lactentes com TEA. Baseado na pesquisa do (Copyright © 2020-Programa Genoma e Neurodesenvolvimento-Progene), há indicações de que os primeiros sintomas comportamentais são manifestados ainda no primeiro ano de vida e, por não haver um marcador biológico, o diagnóstico é baseado principalmente no quadro clínico, que se caracteriza por afetar três áreas: habilidades sociais, comunicação e comportamentos repetitivos. Estudos feitos pelo Estado de Santa Catarina em 2018, dirigido e realizados pela Fundação Catarinense de Educação Especial (Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão Gerência de Pesquisa e Conhecimentos Aplicados), afirma que o TEA, por ser um transtorno complexo, associa sintomas com características fora do domínio social e que podem estar relacionados a aspectos neurológicos que incluem: transtornos de linguagem (incluindo ausência de funções pré-linguísticas), dificuldades na coordenação motora e atenção visual. Dessa forma, na primeira infância o TEA costuma estar associado a prejuízos nas habilidades sócio comunicativas, processamento de contatos faciais e visuais, imitação e comunicação.

Considerando que ainda não se dispõe de averiguações laboratoriais, de imagem, que auxiliam no reconhecimento do autismo, o diagnóstico faz-se por observação de comportamento e descrições dos pais ou das pessoas que os assistem. Contudo, a Organização Mundial de Saúde e o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM – V) da Academia Americana de Psiquiatria (APA, 2014) produziram métodos avaliativos com intuito de padronizar o exame de saúde das crianças autistas.

DIAGNÓSTICO

O diagnóstico precoce constitui um grande consenso em todo o mundo a respeito do TEA. Quanto antes for identificado e quanto mais cedo se inicia o tratamento, maiores são as chances de progressos no desenvolvimento e na qualidade de vida.

Atualmente existe um interesse crescente no TEA, por essa razão a avaliação do transtorno tornou-se uma área particularmente popular para investigação. Obviamente, quanto mais cedo uma pessoa puder ser identificada com esse transtorno, mais rápida será a intervenção.

O diagnóstico (ou sua suspeita) é baseado em avaliações clínicas, a partir da observação do comportamento da criança e do relato dos pais, e ainda é mais difícil antes dos 3 anos, pois, a partir dessa idade, alguns comportamentos aparecem de forma mais clara e

evidente. Conforme Gadia (2004, p.586), a avaliação de indivíduos autistas requer uma equipe multidisciplinar e o uso de escalas objetivas. Técnicas estruturadas devem ser utilizadas para avaliação tanto do comportamento social das crianças quanto da sua capacidade de imitação (GADIA, 2004. In. ROTTA, et al, 2016).

Contudo, existem dois manuais que são utilizados internacionalmente conhecidos de CID e DSM, juntamente com algumas escolas que são especializadas para o diagnóstico e rastreio do TEA, sendo que os profissionais para executar estas avaliações são treinados e capacitados para esse fim.

O CID-10 é o critério adotado no Brasil pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Ele abrange todas as doenças, incluindo os transtornos mentais, e foi elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). CID-10 significa “Classificação Internacional de Doenças”, e o número 10 indica a versão, ou seja, já foram realizadas 10 atualizações e revisões desse código.

Já o DSM-5 abrange apenas os transtornos mentais e tem sido mais utilizado em ambientes de pesquisa, porque possui itens mais detalhados, em forma de tópicos. Foi elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria. DSM-5 é uma sigla inglesa, *Diagnostic and Statistical Manual*, que significa Manual de Diagnóstico e Estatística e o número 5 da sigla é usado para indicar que já foram feitas cinco revisões.

A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM AUTISMO

Desde a antiguidade as pessoas que tinha qualquer deficiência, sendo ela física ou mental, eram classificadas de “anormais”. Estas crianças, jovens e adultos obtiveram o interesse e as lentes do campo científico, sendo que este acontecimento aconteceu por tentar explicar e esclarecer como estes indivíduos viviam, quais eram suas vivencia como sociedade, quem eles eram, o que eles poderiam fazer e quais eram as capacidades de aprender que os sujeitos acometidos, destas “anormalidades”, poderia apresentar. (Carla K. Vasques, Revista Pátio, 2013, p.28).

Com todas as mudanças e esclarecimentos com relação ao autismo, infelizmente até os dias atuais, as crianças que tem o TEA, são vistas como pessoas não suscetíveis a aprendizagem. Diante deste deplorável impasse, cabe a nós questionar então o que seria de fato aprendizagem? O que é aprender, e como acontece? Existe condições para aprender? Se

há, quais são? Defronte estas perguntas, dizemos que ensinar é aprender, é compartilhar conhecimentos entre pessoas que se relacionam em sociedade.

Para Carla K. Vasques, (Revista Pátio, 2013, p.229), educar é troca de valores e influências que o ser humano absorve do meio em que vive. Nota-se que o aprender das crianças com TEA, são construídos em meio a tensões, resistências e composição do que já é igual há décadas com a chegada do diferente. Por esta razão, são encontrados múltiplos desafios quando se trata do ensinar e o aprender relacionados aos educandos, acometidos com autismo. Para a autora, é inegável que os educadores são bombardeados com inúmeras ordens e exigências. Eles têm que se qualificar e aprender técnicas e ferramentas, para trabalhar com os alunos mencionados, é fato que muitas das vezes eles aprendem, encontram respostas com seus próprios alunos, respostas estas, que nos ajudam como desenvolver a aprendizagem, de fato, dos seus educandos. Santos (2008) afirma que, a escola tem papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maior dificuldade em se adaptar às regras sociais - o que é muito difícil para um autista. Fica evidente diante desta fala, que o aluno que tem autismo, aprende e se desenvolve em todas as áreas de sua existência, tanto comportamental quando neurológicas, o que se faz necessário para a validação da aprendizagem no aluno, são as ferramentas usadas para efetuar o ensino ao educando(SANTOS, 2008. In. OLIVEIRA, 2020).

Segundo Santos (2008),o aluno com TEA aprende sim, mas seu aprendizado acontece sempre de forma singular e particular. Pois a aprendizagem é uma característica do ser humano, sendo assim é direito de todo ser racional, participar do campo da aprendizagem, do aprender. Por terem uma forma singular de aprendizagem, os educadores que tem alunos autistas, devem ter um olhar panorâmico, dinâmico, para saber quais métodos de ensino devem ser utilizados, visando trabalhar com a ferramenta que mais lhe trazer resultados positivos, diante do objetivo proposto para ser alcançado. (SANTOS, 2008. In. OLIVEIRA, 2020).

Contudo sabemos que, quando se trata de inclusão, diante do contexto político e do contexto da sala de aula, a teoria não condiz com a prática, prejudicando a criança que tem o TEA. O campo político diz que a inclusão é a valorização da diversidade, e o respeito. Os alunos inclusivos tem que ser recebidos por educadores qualificados, e que todos tem que ser tratados igualmente pelo professor e colegas. Contudo, a recente Lei Nº12.764, de 27 de

dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, prevê que:

“Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do artigo 2º, terá direito a acompanhante especializado”.

A ciência vem demonstrando que a aprendizagem é a chave do progresso e do desenvolvimento humano. Migliori (2013, p.37) pontua que: “Os modelos de educação que temos praticado não estão orientados para conhecermos nosso cérebro e nossa mente, e compreender como a aprendizagem os transforma”. Para o autor, as neurociências podem contribuir para um entendimento mais amplo sobre as relações entre mente, cérebro, corpo, comportamentos e mundo externo. Vale ainda ressaltar que, a inclusão não ocorre exclusivamente no aspecto físico, ela não se resume apenas em tirar esses sujeitos das escolas especiais e depositá-los no ensino regular (MIGLIORI, 2013. In. TOMAZINE, 2018).

Perante o exposto, nos vem a pergunta: de quem é a responsabilidade de inclusão dos educandos autistas no âmbito escolar? A resposta é simples e clara, a inclusão destes cidadãos é competência de todo corpo docente da escola, juntamente com todos os colaboradores escolares, alunos, em conjunto do seio familiar. A inclusão não faz a criança que tenha qualquer necessidade especial, ser desobrigada de seguir as regras das escolas que eles estão inseridos, como também não diminui seus deveres de cidadão, que devem ser realizados da mesma forma dos outros que pertencem ao mesmo meio que eles participam.

DESAFIOS DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

Nos dias atuais, ensinar tem sido um grande desafio para os professores. Desafios estes que podemos destacar, no que diz respeito à inclusão do aluno que tenha o TEA. Sabemos que as crianças com autismo apresentam uma dificuldade em comunicar com as pessoas que não são do convívio de seu meio, com lugares ainda não conhecidos por eles, com isso é fundamental que haja uma interação verdadeira e afetuosa de todo corpo docente da instituição com o novo aluno, onde esta criança possa se sentir à vontade para explorar os ambientes do seu jeito próprio e peculiar, sem que seja intimidado ou repreendido pelos educadores que o acolhe ou até mesmo pelos os pais ou responsáveis que os apresentam.

Percebemos que escola e família se complementam para a solução das dificuldades encontradas diante da comunicação, interação e inserção da criança autista na escola. Se uma

das duas se omite quanto á sua atribuição, o processo de ensino/aprendizagem fica prejudicado. Nesta perspectiva Nérci (1972), considera que a influência da família é básica e fundamental no processo educativo do imaturo, e nenhuma outra instituição está em condições de substituí-la (NÉRCI, 1972. Apud. ROTTA, et al, 2016).

Certamente que uma das dificuldades no contexto escolar diante da inclusão, é estabelecer uma educação unificada para todos, sem distinções, mas que seja organizado, adaptado e que atenda todas as necessidades educacionais dos alunos autistas ou de qualquer outra criança que tenha necessidade especial.

É necessário preocupar-se com a acolhida de toda a escola, quando se fala do recebimento deste aluno, como também com o trabalho realizado pelo professor, que precisará adaptar as suas aulas, atentando sempre o incluir de todos seus alunos nas atividades propostas, para que assim os educandos se sintam que são parte da sala de aula que estão engajados. Cunha (2013) relata que é necessário observar o que desperta maior interesse no aluno autista para sim elaborar o método a ser trabalhado com a criança em questão. Ele também destaca que o elogio, o demonstrar afeto pela atividade feita pelo educando, ajuda e faz com que o aluno participe e queira realizar as atividades proposta pelo professor. Outro desafio encontrado na inclusão do aluno autista na escola é a formação acadêmica dos professores. É sabido que as grades curriculares das graduações, não satisfazem quando se fala da formação relacionada à inclusão e como os educadores poderão desempenhar seu trabalho (CUNHA, 2013.In. TOMAZINE, 2018).

Salamanca (1994, p. 27) e Fumegalli (2012, p. 40), ressaltam que a formação de professores do ensino regular precisa ser retomada, para torná-los capazes de desenvolver uma educação inclusiva para atender a todos. Diante desta realidade é valido apresentar que a dificuldade e desafios encontrados, aparecem pela falta de preparação acadêmica dos educadores, com isto, eles não conseguem identificar e tão pouco realizar as atividades de forma adequada, com seus alunos autistas. Sabemos que o conhecimento do contexto que se trabalha, torna o trabalho prazeroso e eficaz, mas infelizmente é doloroso afirmar que a incidência do TEA, tem sido um grande obstáculo na aprendizagem das crianças autistas, pois o professor sabe-se pouco, e o que se sabe, não condiz com a realidade (SALAMANCA, 1994, et al. Apud. OLIVEIRA, 2020).

transpor as dificuldades e desafios encontrados, na sua caminhada como educador. Contudo, cada vez mais, os professores precisam fabricar, adquirir, solicitar e buscar solitariamente por recursos pedagógicos, ferramentas, táticas, estratégias, que consiga despertar o interesse da criança autista.

CONTRIBUIÇÃO DO EDUCADOR AO EDUCANDO COM NECESSIDADES ESPECIAIS - TEA

A contribuição do professor neste processo é importante, ele ajuda quando apresenta o objeto de estudo de maneira clara e detalhada, quando chama a criança pelo nome, quando entende as vontades dos alunos. Pois o educando precisa entender o significado do contexto social, antes mesmo de compreender como é o uso do contexto em questão. Destacamos também a importância da comunicação falada do educador, ele tem que ter uma fala que transmita calma, confiança e que seja objetiva, clara e tranquila.

Cunha (2013 p. 54), afirma que o primeiro passo da comunicação com o autista é conhecê-lo. Esta afirmação nos mostra que o conhecimento ensina e conduz o educador no caminho certo para conseguir relacionar com o educando autista, em compensação, os professores conseguirão efetuar o ensino para que a aprendizagem do aluno seja adquirida com excelência. Nota-se que o educador tem um papel de percursor de vidas, pois eles proporcionam condições ao educando de desenvolvimentos distintos tais como, autonomia de vida cotidiana, habilidades diversas, socialização e vários outros desenvolvimentos, que são revelados diante de cada particularidade dos indivíduos (CUNHA,2013. In. TOMAZINE, 2018).

Diante destes fatos, destacamos a concepção errônea de que o aluno autista deve ser fruto de uma educação bancária, e incluir nas práticas educativas metas em prol de uma educação com sentido de construção não só de conhecimentos científicos, mas de significados, valores e cidadania no dia a dia escolar, familiar e social. Faz-se necessário repensar a educação com foco nas relações interpessoais, oferecendo ao aluno com necessidades especiais, meios e possibilidades para a construção de uma aprendizagem significativa. Por meio da qualificação continua dos educadores, como também de uma organização positiva em prol da educação brasileira, que adere todas as áreas da educação desde a questão humana como também a infraestrutura (Carla K. Vasques, Revista Pátio, 2013, p.30.)

Cunha (2013), relata que é necessário observar o que desperta maior interesse no aluno autista para sim elaborar o método a ser trabalhado com a criança em questão. Ele também destaca que o elogio, o demonstrar afeto pela atividade feita pelo educando, ajuda e faz com que o aluno participe e queira realizar as atividades proposta pelo professor. (CUNHA, 2013. In. TOMAZINE, 2018).

Para que estas atividades alcancem os objetivos esperados pelo educador, é preciso que ao iniciar as mesmas, os exercícios sejam de início de curta duração, pois assim o aluno não perderá o foco e nem o interesse do que é ensinado a ele. Mas a medida que a criança já se familiariza e fica seguro com o ambiente e com as atividades o professor pode ir aumentando a durabilidade das atividades.

Cunha (2013), destaca que os trabalhos com massinhas, desenhos, pinturas são atividades usadas, pois elas necessitam de grande concentração para serem realizadas, isto é ótimo e um grande aliado no processo de aprendizagem do educando. Contudo, o professor deve sempre utilizar de meios que sempre aumente a concentração dos seus alunos. Os educadores podem se disporem de várias ferramentas para aguçar e prender o interesse do educando, com isto, podemos destacar as músicas, a leitura, o respirar, o andar, a escrita como ferramenta de aprendizagem e também de concentração, que podem ser trabalhadas com o educando. Sabemos que para ter uma interação produtiva, o professor deve levar os seus educandos ao contato com a sociedade escolar. Esta interação pode ser realizada através de dinâmicas sociais (CUNHA, 2013. Apud. TOMAZINE, 2018).

É evidente, que com a estimulação precoce, os distúrbios cognitivos podem ser amenizados. Surian (2010, p. 18), assegura que esta intervenção, tem como objetivo reduzir os comportamentos inadequados dos indivíduos autistas, que são considerados prejudiciais a sua segurança, autonomia e aprendizagem. Um aluno com autismo, ao observar uma figura com múltiplos detalhes, tende a compreender somente uma parte do todo ou, ainda, diante de um estímulo composto, tendo por exemplo, o visual e auditivo, um dele é provavelmente ignorado. Isto acontece, pois eles têm dificuldades em relacionar as partes e o todo. Está problemática aparece também na integração de uma informação com o todo, para que possam estabelecer os vínculos e adquirir novos comportamentos é necessários os reforçadores consistentes entre estímulo, respostas e consequências. (SURIAN, 2010, In.TOMAZINE, 2018).

Acredita – se, que tudo que se faz com amor e dedicação, eliminam os desconfortos encontrados em sua jornada. E se estamos dispostos à atualização dos nossos conhecimentos, seremos de fato profissionais que ensinaremos o que sabemos e que aprendemos com o que ensinamos. Já dizia Cora Coralina, “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

RELATOS

Exposição de uma professora, diante da realidade vivenciada por ela a mais de dezesseis anos com alunos autistas.

Para mim é um trabalho que realizo com amor e muita dedicação, amo o que faço, dedico e tento fazer o meu melhor para alcançar e beneficiar os meus alunos da melhor maneira possível e alcançável.

Durante o meu caminhar escolar, atuando como professora e atendendo alunos autistas encontrei vários desafios, como: educandos que no auge da sua crise, dentro da sala de aula, agredindo a si mesmo; outro que se fechava dentro do seu mundo e não se abria ao mundo real em que estava, fazendo com que não se interagiam com a atividade proposta e tão pouco aceitava a minha ajuda naquele momento. Para mim o comportamento instável destes alunos, foi muito desafiador. Diante destes desafios, sempre procurei ajudar, adotando ferramentas que auxiliavam eles nos momentos de descontrole comportamental, na qual, cada ferramenta atendesse, de maneira significativa, a particularidade de cada um.

Outro fator importante e primordial para conseguir a atenção, interação e participação do aluno autista, é conquistar a confiança deles, trabalhar de forma real a afetividade da criança, ser verdadeiro com eles, tem que amá-los de verdade. Agindo desta maneira, conseguimos de fato realizar os trabalhos propostos com eles. É fato que sem a conquista, é impossível desenvolver algo com

os educandos autistas tanto em sala de aula, como também na vida particular deles.

Diante de tudo que já vivi no contexto escolar, posso dizer que a inclusão destes e dos demais alunos com necessidades especiais, há um imenso abismo entre a inclusão descrita e homologada pelo currículo escolar e a inclusão da realidade vivenciada e praticada por professores e alunos. Na atualidade, vemos que a inclusão imposta pelos órgãos superiores da educação, é contraditória ao que de fato acontece na sala de aula. Vemos muitas crianças autistas de diferentes graus de TEA, inseridos na escola regular, para ser incluído, alfabetizado, para ter convívio com a sociedade, porém, a inclusão na maioria das vezes não acontece. Digo isto, pois já presenciei aluno com TEA, estar na sala de aula, e ao mesmo tempo fora, pois as atividades entregues a ele era diferente dos demais, a atenção do professor para com ele não era igual ao que ele tinha com os demais alunos.

Então, vejo uma inclusão que não é inclusão e sim exclusão. É o mais lamentável, é ver que os educandos autistas, não tem nenhum benefício com esta manobra de inclusão. Na minha opinião, é mais válido e digno para estes educandos, se eles fossem incluso em escolas especializadas para trabalhar com alunos autistas. Acredito que desta maneira, eles se desenvolveriam de forma real e satisfatória, e estariam aptos dentro das suas limitações a se socializarem e serem alfabetizados. Digo mais uma vez, tem que ter amor pelo que se faz, eu amo o que faço, sou professora e amo meu trabalho, amo meus alunos. (Entrevista, realizada dia 07/07/2021)

Exposição de uma mãe que tem uma filha autista com 7 anos de idade. A mesma buscou incessantemente a melhoria de qualidade de vida para sua filha. Nesta busca, ela teve que superar muitos desafios e se adaptar com a nova rotina da filha. Nesta caminhada ela conheceu profissionais que deram todo suporte que elas precisavam.

Desde o nascimento da minha filha foi uma busca constante por saúde e bem estar dela, sempre com problemas decorrentes de saúde, buscamos os mais diversos especialistas. A princípio no convívio cotidiano não notávamos tantas dificuldades, mas quando ela foi para a CMEI, ela tinha 1 ano e 9 meses, ela não andava direito, também não comia muito bem, e não falava quase nada, conversei com a coordenadora do CMEI que me orientou e me ajudou, conseguimos então um atendimento com a equipe multiprofissional, foi sugerido levar ela no otorrino para verificar a audição, por sua vez a audição estava quase toda obstruída, ela teve que passar por um procedimento cirúrgico, após 15 dias voltamos para o retorno e nunca vou esquecer aquele dia. O médico olhou pra mim e disse “a audição dela está recuperada, porém a luta de vocês não para por aqui tenho aqui 03 encaminhamentos de especialista, entre eles o Neuropediatra”, onde marcamos e fomos o mais rápido.

Naquele dia, tivemos um diagnóstico que nos deixou sem chão, pra mim, o diagnóstico daquele dia era algo que me apavorava dia e noite, não saber o que fazer e como fazer, então tinha apenas uma opção fazer tudo que estava ao meu alcance para o melhor desenvolvimento da minha filha, fui em busca das terapias indicadas pelo Neuropediatra, passamos então a ir na fonodóloga, Terapeuta Ocupacional, psicóloga.

No mesmo período ela começou na escolinha, o medo de como seria a aceitação da escola e dos colegas. Mas tive uma surpresa onde ela foi recebida com tanto respeito que ela se apaixonou pela escola, a professora regente sempre tratando-a com igualdade, mas respeitando seus limites, a professora de apoio sempre dando suporte. Com 4 meses na escola minha filha participou de uma peça de teatro, isso me encheu de orgulho, e me deu uma força pra continuar, nossa rotina se tornou intensa, ela fez balé, fez natação, matriculei ela no grupo de estimulação da APAE.

O ano de 2018 foi um ano de descobertas e também um ano onde fomos descobrindo possibilidades, já no ano de 2019 ela estava no Jardim II, sem dúvida foi um ano mais tranquilo em relação às expectativas. A professora regente, com experiências na área de inclusão, ajudou muito no desenvolvimento dela. A professora de apoio também somou muito, sempre estimulando o desenvolvimento dela, sempre com muito respeito. Esse ano a professora conquistou a turma toda. A professora conseguiu passar para os coleguinhas que a minha filha era igual a todos eles, porém, ela precisava de ajuda e foi quando cada dia um coleguinha a ajudava nas atividades que ela não conseguia, a interação dela melhorou muito.

No ano de 2020, já no primeiro ano do ensino fundamental, as expectativas eram muito boas porém tivemos apenas 2 meses de aula, então entramos em isolamento social, tivemos outros desafios nossa rotina que era baseada em aulas, terapias e estimulações passou a ter que ser feitas por mim, não podia deixar de fazer pois não poderia perder tudo que já tínhamos conquistado. Tive um apoio incondicional da professora regente, gratidão a essa profissional.

Diagnóstico até o momento TGD, deficiente intelectual moderada, característica TEA, e suspeita de uma síndrome chamada KABUKI- ainda em avaliação.

Hoje 2021 ganhamos uma professora de apoio que ajuda muito sempre buscando se inovar para melhor ajudar minha filha. (Relato recebido, 22/06/2021).

Percebemos, através do relato da professora, que trabalhar com crianças que tem o TEA, é prazeroso e, ao mesmo tempo, desafiador. Contudo, faz-se necessário compreendê-los e identificar qual método é melhor para seu aprendizado e sua socialização. Por isso o diagnóstico e a intervenção devem ser realizados o mais cedo possível, sendo indispensável para trabalhar o desenvolvimento da criança em sua totalidade.

No relato da mãe percebemos que o respeito e a participação da família, são essenciais no desenvolvimento e nas realizações das intervenções realizadas com as crianças, pois os recursos para a intervenção são múltiplos e requer a aceitação da criança para utilização do recurso proposto. Bettelheim (1988) afirma que, compreender o Transtorno do Espectro Autista é também permitir que a criança não apenas se divirta e se descubra, mas que o faça de seu próprio modo, mostrando-nos o caminho (BETTELHEIM, 1988. Apud. ROTTA, et al, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos realizados, verificou-se a importância da sequência didática do aprender e do ensinar. Entendemos que a tarefa do professor é árdua, pelas grandes dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, afinal é o alfabetizador quem irá abrir as janelas da leitura e da escrita para o educando avançar rumo às novas aprendizagens.

Certamente que com a parceria dos pais esta ação fica bem mais fácil e eficaz. Pois sabemos que a criança, se desenvolve por meio das relações que gira em torno do processo cultural e social. Deve-se descartar a concepção errônea de que o aluno autista deve ser fruto de uma educação aonde ele vai à escola somente para sentar, e, incluir nas práticas educativas metas em prol de uma educação com sentido de construção não só de conhecimentos científicos, mas de significados, valores e cidadania no dia a dia escolar.

Faz-se necessário repensar a educação com foco nas relações interpessoais, oferecendo ao aluno, meios e possibilidades para a construção de uma aprendizagem significativa. Por meio da qualificação contínua dos professores, como também de uma organização positiva em prol da educação brasileira, que adere todas as áreas da educação desde a questão humana como também a infraestrutura e curricular.

Acredita-se, que a inclusão da criança com TEA deve estar muito além da sua presença na sala de aula; deve almejar, sobretudo, a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e potencialidades, superando as dificuldades. Portanto, além de acolhedora e inclusiva, a escola precisa se constituir em espaço de produção e socialização de conhecimentos para todos os alunos, sem distinção.

BRAGA, Paola Gianotto; SANTOS, Stéfani Quevedo de Meneses dos; BUYTENDORP, Adriana A. Burato Marques Buytendorp. Pesquisa: Cartilha-TEA-E-Book-1.Pdf. Acesso em 16 jun 2021.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo (2016). FONTE, Renata Fonseca Lima. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. Pesquisa: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/9TbpRpGMG4sqDSSbFXDTKFF/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 12 jun de 2021.

CORTELLAZZO, Iolanda Bueno de Camargo (2020). *As duas faces da educação*. Pesquisa: <<http://www.boaaula.com.br/ioland/tese/ensinar.htm>>. Acesso em: 05 jun 2021.

ENCONTRO ESTADUAL da FAMÍLIA APAE- 2021. Pesquisa: chat on-line, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yBe4Vej-Hfo>>. Acesso em 23 jun 2021.

JACOMELI, Renan Bezerra. *O desafio do autismo na inclusão escolar*. Pesquisa: <<https://www.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/o-desafio-do-autismo-na-inclusao-escolar.htm>>. Acesso em: 19 jun 2021.

LEVIN. 750 RBLA. v. 16, n. 4, p. 745-763. Belo Horizonte, 1997.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval (2020). *Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista*. Pesquisa: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>>. Acesso em: 09 jun de 2021.

ROTTA, Newra Tellechea; FILHO, César Augusto Bridi; BRIDI, Fabiane Romano de Souza, (2016). Pesquisa: neurologia e aprendizagem, Abordagem Multidisciplinar-Pdf. Acesso em 20 jun de 2021.

SILVA Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayara Bonifácio; REVELES, Leonardo Thadeu. (2012) *Mundo-Singular-Ana-Beatriz, entenda o autismo* - Pdf. Acesso em 18 jun 2021.

SILVA, Marcela. (26/06/2020), Psicóloga e Supervisora ABA – Grupo Conduzir. Pesquisa: <<https://www.grupoconduzir.com.br/autismo-e-comorbidades/>>. Acesso em 22 jun 2021.

TOMAZINE, Alex Sandro. (2018) *A neurociência e seus benefícios na educação da criança autista*. Pesquisa: < <https://www.revistavalore.emnuvens.com.br>. > Acesso em 09 jun 2021.

UNIVERSITÁRIA, Revista Gestão. *Legislação e inclusão: teoria e prática na educação inclusiva* (7 de ago. de 2019). Pesquisa: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/legislacao-e-inclusao-teoria-e-pratica-na-educacao-inclusiva>>. Acesso em: 15 mai 2021.

VASQUES, Carla K. (2013, p.28). Pesquisa: revista pátio– Ensino Médio, Profissional e Tecnológico. Acesso em: 19 jun de 2021.